

“O anjo filmico entra dentro de mim e filma-me através do coração”

Entrevista a José Luís Mendonça

por Laura Cavalcante Padilha
(Universidade Federal Fluminense)

Laura Padilha: Como se situa no quadro geral da Literatura Angolana Pós-75?

José Luís Mendonça: Em termos de crónica da História, estou formalmente integrado numa geração de jovens poetas surgidos nos anos 80 em Angola e à qual o crítico angolano Luis Kandjimbo atribuiu a designação de Geração das Incertezas. Posso ser considerado o primeiro desses jovens que introduziu na poesia angolana do pós-independência a preocupação dominante da estética do verso, o artesanato do poema. Esta inovação não foi, porém, deslindada na sua mais alta expressão pelos críticos dominantes da



Literatura Africana de Expressão Portuguesa, a maior parte deles pontificando em Portugal que começaram por colocar o destaque da minha poesia sobre o aspecto ideológico: este existe, não haja dúvida, mas eu trabalhei muito em prol de uma poética de beleza afro-angolana, de uma lapidação do verso até lhe fazer sair a gema do brilho solar íntimo, mesmo quando trato da questão social.

LP: Todo produtor literário é, por princípio, um leitor atento e empenhado, pois a ilha da escritura se faz com o que se colhe na ilha da leitura. Pergunto-lhe: que obras e/ou autores se fixaram em seu imaginário de poeta?

JLM: Como homem de cultura e como leitor, pois o homem de cultura é um leitor acérrimo, li toda a poesia e prosa que pude adquirir para mim ou tomar de empréstimo nas bibliotecas e dentre os amigos. De tal forma que enumerar aqui os autores seria ocupar todas as páginas desta entrevista com esses nomes. Mas gostaria de destacar uma ou duas leituras da infância, nomeadamente *A Ilha de Coral*, de Ballantine, ou *Os Cinco na Casa em Ruínas*, de Enid Blyton e a *Bíblia*, que li aos nove anos. Era uma *Bíblia* ilustrada, própria para crianças que alguém “esqueceu” na minha casa, pessoa essa que até hoje não sei quem é, mas que me fez muito bem à alma e me deu um espírito de sonhador exuberante e furtivo. A partir daí, as leituras sucederam-se a um ritmo infernal, sem guia

paternal, e incluía os cadernos culturais do jornal "A Província de Angola", hoje "Jornal de Angola", etc. Mayakovsky marcou-me muito, Pablo Neruda me deu os "Vinte Poemas de Amor" que hoje já não consigo ler, porque choro. Mas foi o "Kariangana Ua Karingana", do José Craveirinha, que me foi emprestado por David Mestre, que me revelou a grande poesia africana de língua portuguesa. Já tinha então, descoberto Agostinho Neto e Viriato da Cruz e a outra forma bucólica de dizer poesia contemporânea de Ruy Duarte de Carvalho. Li Drummond, li outros tantos poetas brasileiros, até cair de borco nas pedras teletransportadas para o poema de Manoel de Barros. Li o grande Walt Whitman e os poetas portugueses, como Camões e Nuno Júdice e o Fernando Pessoa, até que, um dia, me tornei, eu mesmo, a poesia do mundo, com voz igual. Mas tenho de dizer que participam, na minha formação contínua de poeta, outras linguagens, e a da música e da dança de salão é uma delas, para já não falar da pintura, minha outra paixão secreta. E a linguagem do mar.

LP: Se tivesse de escolher, em sua produção, o *primeiro livro* (e não falo em cronologias), qual seria?

JLM: Eu tenho a certeza de que o meu primeiro livro é o que está para sair um dia, mas este que vou lançar, neste ano de 2010, anda muito próximo. Trata-se de *Poesia Manuscrita pelos Hipocampos*.

LP: Poderia falar um pouco sobre seu processo de criação poética?

JLM: O meu poema quer chegar muito por dentro da terra, com todas as implicações que isso traz ao sangue do poeta. Eu considero-me um anjo dançarino, mesmo porque não posso viver sem dançar. E quando escrevo o poema, primeiro devo escutá-lo vir do salão de dança da minha alma e só assim é que ele pode depois ser escrito: eu não peço nada à poesia se ela não me dá. E ela, a Poesia, é uma Dama vestida de vestidos musicais.

LP: Às vezes leio seus poemas e neles percebo a presença de uma intensa linguagem cinematográfica. Vê pertinência nisso?

JLM: É verdade que o meu verso é uma câmara de filmar e de fotografar nas mãos de um anjo que me persegue por todo o lado. Eu estou constantemente a ser filmado e o meu cérebro, as minhas ideias também: por isso, caminho e penso com passos e pensamentos belos, para não cair no ridículo perante os anjos que vão depois, à noitinha, assistir ao filme do poeta José Luis Mendonça aqui na Terra. Por isso é que eu danço e, se não danço algumas vezes por ano, os anjos chateiam-se comigo e já não me filmam como devia ser. E como a minha mente é um território habitado por paisagens inverossímeis e flores mágicas, o anjo fílmico entra dentro de mim e filma-me através do coração.

LP: Já lhe perguntei sobre o seu processo de criação, mas gostaria de voltar um pouco a ele. Como lhe chega o poema? De repente? De modo impulsivo? Percebe o que eu quero dizer?

JLM: Quando o poema me vem é como um clímax. E pode me vir a qualquer hora, desde que eu esteja distraído. Sou um homem super-distraído das coisas deste mundo. Nem tenho ainda uma casa própria. Esqueci-me de tudo. O processo de criação é onnipotente: ele é Deus. O poema surge, pois, por meio de um impressionismo espontâneo e revela-

se ao leitor pela etapa seguinte que é a da laboração oficial, porque há que dar ao leitor um produto para ler, como se dá uma cerveja a beber e aí entra até o desenho da capa, mas um dia quero chegar a esquecer mesmo o leitor exigente que há em mim e deixar ser a própria poesia: tenho de arranjar é tempo para ser poeta a tempo inteiro. O jornalismo rouba-me muito desse tempo, mas é o trabalho que todo o homem tem de suportar neste mundo.

LP: Há algum livro seu de que você jamais se separaria?

JLM: O livro do qual eu nunca poderia me separar ainda está por escrever, ou talvez já esteja escrito em mim mesmo. As pessoas é que não sabem ler esse livro.

LP: Voltando à questão da leitura. Quais seriam seus "pares" literários?

JLM: Eu não poso definir os meus pares. Já falei, anteriormente, sobre os poetas que li, mas não foram só poetas que me influenciaram, foram essencialmente prosadores. O bom poeta é aquele que lê muita prosa, muito romance e muito conto, para não cair no erro de escrever prosa corrida e pensar que isso é poesia. Mas pares, nesta arte, são os sonhos da Humanidade que os poetas captam.

LP: Para você, qual seria o marco inicial da Literatura Angolana?

JLM: Eu considero que a Literatura Angolana vem de muito longe, desde os poetas anónimos que só cantavam à luz das fogueiras e ao som dos batuques: a literatura tradicional, os griots. E não tem data de início certa. Se for mais longe, diria que a poesia é toda ela universal; nós é que nos confinamos aos países e fizemos passaportes, mas a verdadeira poesia não tem fronteiras; quando cantada, a própria língua nem sequer interessa, e foi assim que ela começou.

LP: Para terminar queria que dissesse alguma coisa sobre a Poesia Angolana hoje produzida em seu país. Se quiser, pode estabelecer um diálogo com a série histórica que a precede.

JLM: Quanto ao que Angola produz, no campo da poesia, só os críticos, e talvez muito enfeudados pelo discurso académico, teimem em saber dizer. Eu não sei o que dizer. Mas tenho dito aos mais jovens que o movimento dos anos 40, "Vamos Descobrir Angola" não está morto com o Colonialismo. Escrevemos em Língua Portuguesa, mas não podemos criar arte portuguesa. Por outro lado, da poesia angolana hoje produzida não há muito a dizer. Precisa haver ainda um esquecimento, até que as novas gerações de críticos se debrucem sobre ela e lhe apanhem a simbologia e o traço, mas uma coisa é certa: do que tenho lido, pode se colher uma mão cheia de boa poesia.